

A ARQUITECTA MILANKA LIMA GOMES NA GUINÉ-BISSAU: Da cooperação internacional às “brigadas” técnicas e de construção

A. Francesca Vita & B. Leonor Matos Silva

A. *Dinâmia’CET, ISCTE, Portugal, francesca.vita0@gmail.com*

B. *Dinâmia’CET, ISCTE, Portugal, leonor_silva@iscte-iul.pt*

RESUMO

Depois da independência de Portugal em 1974, a Guiné-Bissau iniciou um período de construção do recém estado-nação durante o qual a arquitectura e a construção civil ganharam protagonismo. Apoiados pela cooperação internacional, os esforços pós-independência assistiram à formação de equipas, ou “brigadas” técnicas e de construção multidisciplinares nas quais a arquitecta Milanka Lima Gomes, desempenhou um papel crucial. Este artigo examina o papel da arquitecta servo-guineense Lima Gomes, primeira Directora Geral de Planificação Urbana e Projectos (1974-1991), com cerne de uma rede única de profissionais, homens e mulheres dedicados à construção da nação pós-independência, onde a arquitectura, a política, e as alianças internacionais se cruzaram. Através da recolha de fontes primarias, este estudo destaca, o papel de Lima Gomes na coordenação das referidas “brigadas” e delinea pela primeira vez os actores que nelas participaram, as suas trajectórias e os sistemas de apoio e mútua influência que estes técnicos criaram enraizados na solidariedade e alinhados com os ideais políticos do Estado recém soberano. Os cooperantes, politicamente empenhados, muitas vezes vistos como uma elite, criaram laços no seio das suas “brigadas” bem como nas comunidades locais, fundindo a colaboração profissional com o empenho partilhado no crescimento da nação.

Palavras-chave: Guiné-Bissau, Brigadas, Equipas técnicas e de construção, Cooperação internacional, Milanka Lima Gomes.

Eixo temático: 4. Contaminações e transversalidades.

Introdução

A independência da Guiné-Bissau, a 24 de Setembro de 1973, reconhecida por Portugal em 1974, colocou o novo Estado guineense perante o enorme desafio de construir edificações e infra-estruturas, num contexto de fragilidade económica e forte dependência da solidariedade internacional.

A arquitectura do período pós-independência na Guiné-Bissau, no qual se insere a contribuição da arquitecta Milanka Savković Lima Gomes (1948-) e das “brigadas” técnicas e de construção, é um âmbito de estudo explorado só recentemente, apresentando-se de forma fragmentária e dispersa. Ao lado das tentativas em fazer um levantamento dos edifícios mais icónicos deste período, pondo-os em relação com outros contextos africanos e modernidades pós-independentes (Meuser & Dalbai, 2021; Herz et al., 2022), os estudos mais recentes abrangem reflexões sobre a cooperação transnacional na construção da modernidade guineense pós-independência (Rehman, 2023) e estudos sobre o desenvolvimento urbano de Bissau (capital do país) na procura de encontrar soluções de renovação urbana e territorial (Acioly, 1993; Mendes, 2021; Barros, 2023). Uma análise sobre a arquitectura e construção pós-independência na Guiné-Bissau que contemple não apenas o feiticismo das obras, mas também os fluxos dos actores envolvidos, a circulação de tecnologias, a transmissão e troca de conhecimento e as relações de cooperação técnica e económica que suportaram a arquitectura de encomenda pública do primeiro vinténio depois da independência, está por fazer. A lacuna do estado da arte sobre esta temática resulta, ao mesmo tempo, da dispersão da documentação de arquivo que se encontra em vários países e instituições¹, e da multiplicidade de actores envolvidos e de difícil alcance por razões geográficas e linguísticas.

Para ultrapassar parcialmente as dificuldades acima mencionadas e colocar a experiência da Guiné-Bissau em diálogo com os estudos sobre a globalização da prática da arquitectura no período da Guerra Fria especialmente ao abrigo da ajuda internacional (Stanek, 2020; Loosen et al., 2023), analisa-se o percurso da arquitecta servo-guineense Milanka Lima Gomes que ocupou o cargo de Directora Geral de Planificação Urbana e Projectos da Guiné-Bissau durante 17 anos (1974-1991). Através de uma abordagem biográfica baseada na documentação privada da arquitecta Lima Gomes, na recolha de estória oral em Lisboa, Belgrado e Bissau², e recompondo fragmentos de um arquivo, história e arquitectura “fugitiva” (Lubell & Ruiz, 2023), o artigo delinea as redes de “global experts” (Lagae & De Raedt, 2013) que operaram no país ao abrigo da cooperação internacional, e que constituíram equipas técnicas e de construção, ou “brigadas”.

Neste sentido, este artigo aborda duas dimensões centrais da prática da arquitectura pós-independência na Guiné-Bissau: a cooperação técnica internacional aplicada ao sector da arquitectura e da construção civil, e o papel da arquitecta Lima Gomes em coordenar a macro e micro-escala deste processo. O objectivo do artigo é analisar como estas duas dimensões se articularam no terreno, revelando dinâmicas complexas entre política internacional, trajectórias pessoais e estratégias de actuação através da organização do trabalho em “brigadas” técnicas e de construção³. A primeira parte analisa a cooperação transnacional permitindo situar a Guiné-Bissau num contexto internacional em que a solidariedade entre países ‘alheios’ à polarização global entre o ocidente e o oriente se afirmou como estratégia activa face às dinâmicas da Guerra Fria. A segunda parte foca-se na experiência individual da arquitecta Lima Gomes envolvida neste processo, dando voz a quem participou directamente nas acções, revelando tensões, aprendizagens e ambiguidades que escapam a uma análise objectiva.

1. Arquitectura e a cooperação internacional na Guiné-Bissau pós-independente

O desfecho da Segunda Guerra Mundial, o início da Guerra Fria e o processo de descolonização, marcado pela Conferência de Bandung em 1955, inauguraram uma nova ordem geopolítica mundial. Neste contexto, o chamado “Terceiro Mundo” que se encontrava em processo de reconstrução depois de um longo período de

¹ Por exemplo, nas sedes dos diversos institutos de cooperação e embaixadas. Para Portugal a documentação encontra-se no Arquivo do Instituto Camões (parcialmente tratado arquivisticamente).

² Cf. <https://www.womarchstruggle.com/copy-of-nat%C3%A1lia-pereira-gomes-4>, website do projecto de investigação WomArchStruggle (PI Ana Vaz Milheiro) apoiado pela FCT sob a referência <https://doi.org/10.54499/2022.01720.PTDC>.

³ As designadas “brigadas” são entendidas como equipas, reunidas com carácter urgente, caracterizadas por técnicos de diversas especialidades numa prática interdisciplinar, que tiveram um impacto directo na edificação de infra-estruturas e na transferência de saber técnico aliado a um testemunho ideológico.

colonização europeia, tornou-se alvo das agendas políticas dos três principais actores – Bloco Ocidental, Bloco Oriental e Países Não-Alinhados – que opunham visões distintas de modernidade e “desenvolvimento” (Avermaete & Casciato, 2014). Durante quase meio século, o Bloco ocidental (liderado pelos Estados Unidos e os membros da NATO), o Bloco oriental (presidido pela União Soviética) e, mais tarde, o Movimento dos Não-Alinhados (fundando em 1961 em Belgrado por Jugoslávia, Índia e Egito, entre outros estados-membros) confrontaram-se no plano estratégico, utilizando os apoios técnicos e económicos prestados aos países do “Terceiro Mundo” como arma de influência internacional. No processo de reconstrução das novas nações independentes, que significava não apenas a “afirmação da soberania e identidade, mas também a ‘recuperação do atraso’ em termos de desenvolvimento” (Ndlovu-Gatsheni & Cupers, 2023), o domínio da arquitectura desempenhou um papel crucial.

Cooperação	Argelina	Cubana	Sueca	RDA	Francesa	Portuguesa	Suíça	Holandesa	Italiana	Taiwan	União Soviética	Senegalesa, Maliana
Técnicos	Zoran Jovanović (arq.), Aleksandar Džundarić (arq.), Anđelko Vučković (arq.), Božidar Miroslavić (eng.), Dimitrije Perić (geo.), Jilaventa Kosanović (arq.), Lada Kosanović (arq.), Milla Matić (eco.), Miroslav Janić, Menad Spasić (arq.), Olivera Simić (arq.), Rada Mirković, Radovan Radić (eng. civl)		Dorota Elżbieta Kłosa, Kłosa Schönning, Rolf Lund, Silke Swencke	Rainer Mielitz, eng. Ronald Kunczi, eng. Silke Kunczi, fot. (norm) Gunter, eng.		Manuel Fernandes de Sá, arq. Maria Auro Troçoço, dec. Maria João George, arq. Mário Barbosa, arq. Tânia Gomes, dec. Teresa Garcia, soc.	Marco Foster, arq.					
Tecnologias		Sistema de prefabricação “Sandino”	Socagem madeira (estufa)									
Obras	Monumento a Amílcar Cabral, Bafatá (1973-1978). Política da UNITE, Bissau (1976).	Edifícios de apartamentos “SANDINO” para quadros nacionais, Bissau-Balno de Ajuda (1976). 6 casas “SANDINO” para quadros nacionais, Bissau-Balno Milkar (1976).	Edifícios de apartamentos “SICA” para quadros nacionais, Bissau (1979).	Centro de Documentação de Projectos e Infraestruturas (com biblioteca, fotolaboratório moderno equipado), Bissau (1976-1980). Bairro Antília II, Bissau (s.d.) Antília I (7 casas), Bissau (s.d.)	Edifícios de apartamentos para quadros nacionais, Bissau (junto ao depósito de água) (1977). Bairro Antília II, Bissau (s.d.)	Hotel em Bubaque, 59 bangalows prefabricados (1975-78). Complexo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, Bissau. Projeto de Melhoramento dos Bairros Sociais de Bissau (1979-1996). Projeto de Antília Bona (1992-1998)		Projeto de Melhoramento dos Bairros Sociais de Bissau (1979-1996). Centro de Reabilitação Mental, Bissau-Balé (1977)		11 Casas para a Função Pública, Bissau (Alto de Bandim) (1990).		
Obras científica	1º Plano Geral Urbanístico da Cidade de Bissau (1978-1978) 2º Plano Geral Urbanístico da Cidade de Bissau (1990-1995)		[LIVRO] Arquitectura tradicional da Guiné-Bissau, (1985)	[DOC] Regionalização dos Centros Urbanos (1984-1988). Seminários de Formação sobre o “Desenvolvimento Urbano na Guiné Bissau” (1982-1984)		Seminários de Formação sobre o “Desenvolvimento Urbano na Guiné Bissau” (1982-1984)	Seminários de Formação sobre o “Desenvolvimento Urbano na Guiné Bissau” (1982-1984)	[LIVRO] Planeamento Urbano, Habitação e Infra-estruturas, 1993				
Formação	Bolsas de estudo anuais superiores (arquitetura, engenharia)										Bolsas de estudo de ensino superior (arquitetura, engenharia)	Formação de Quadros Nacionais (1979-1982).

Fig. 01. Esquemas dos apoios da ajuda internacional à prática da arquitectura pós-independência na Guiné-Bissau. Fontes: Gomes, 1996, 1996a.

A 24 de Setembro 1973, quando o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) proclamava a autonomia da Guiné-Bissau⁴, as influências e os apoios internacionais estipulados durante a luta de libertação com objectivo de coadjuvar a acção militar, permaneceram durante o período pós-independente transitando para a esfera civil⁵. Como analisado a seguir, o apoio cubano e sueco foi sobretudo no sentido da transferência de tecnologias construtivas. A Jugoslávia e a República Democrática Alemã (RDA) tiveram um papel fundamental no envio de ‘especialistas’ no sector da arquitectura e planeamento urbano e no apoio à formação superior de estudantes guineenses⁶. A União Soviética também continuou a receber estudantes de engenharia ou arquitectura até a sua dissolução. A partir dos anos 1978/1979, com a chegada de agências internacionais (p.e. PNUD, CEE, Nações Unidas) (Acioly, 1993), outros países suportaram o sector da arquitectura – pelo envio de técnicos e financiamento de uma obra ou projecto específico – sendo estes: a Suíça, França, Holanda, Brasil, Portugal, Itália e mais tarde Taiwan (Fig. 01). A cooperação a nível regional

⁴ A independência de Cabo Verde foi proclamada apenas a 5 de Julho de 1975. Cf. página web oficial do Governo de Cabo Verde em <https://www.governo.cv/o-arquipelago/historia/>

⁵ Durante a luta de libertação, o PAIGC recebeu diferentes modalidades de apoios especialmente por parte da União Soviética, Cuba, Suécia, Jugoslávia e República Democrática Alemã (Sellström, 1999; Gleijeses, 2002; Lazić, 2021)

⁶ Até o final da década de 1980, a Jugoslávia continuou a receber estudantes guineenses apoiando a sua formação superior na área da arquitectura e engenharia.

com outros estados africanos materializou-se em programas de formação de técnicos na área da construção no Mali e Senegal⁷.

O apoio ao sector da arquitectura e do planeamento por parte da Jugoslávia foi o mais consistente e duradouro, possivelmente pelas relações de proximidade que os quadros guineenses (incluindo a arquitecta Lima Gomes, na qual nos iremos focar) tinham com o país e com algumas das suas instituições. Por exemplo, com a Faculdade de Arquitectura da Universidade de Belgrado e com o Institute of Architecture and Urban Studies (IAUS) que suportava a cooperação jugoslava na Guiné-Bissau⁸. Os apoios constavam sobretudo no envio de técnicos (desde especialistas até consultores internacionais) engajados politicamente em missões consultivas, em missões permanentes, e em missões de emergência (ou seja, quando eram necessários), como foi o caso para o Plano Director de Bissau.



Fig. 02 – Blocos de apartamentos para quadros nacionais realizados com o sistema de pré-fabricação “Sandino”, Bairro d’Ajuda, Bissau (1978). Fonte: Coleção privada de Milanka Lima Gomes

As ajudas internacionais ao sector da arquitectura não trouxeram apenas o *know-how* dos “especialistas”, mas também as tecnologias de construção: materiais, métodos e máquinas. Cuba e Suécia foram os países que mais apoiaram a Guiné-Bissau neste sentido. Cuba tentou exportar para a Guiné-Bissau, como para outros países do Sul Global, sistemas de pré-fabricação, como o sistema “Sandino” (Rodrigues, 2024; Jovanović, 2021). Este sistema era constituído por placas em betão pré-fabricadas (50 cm x 100 cm) que podiam ser utilizadas para paredes e lajes, e que de forma rápida e eficiente eram instaladas *in situ* por meio de guindaste. Técnicos cubanos e trabalhadores especializados, juntamente com materiais de construção, foram enviados para a Guiné para transferir ao pessoal local conhecimento na aplicação desta tecnologia. Em Bissau, durante quatro anos, diversos projectos foram realizados com esta tecnologia⁹: seis casas-tipo no Bairro Militar e blocos de apartamentos (36) no Bairro d’Ajuda em Bissau (Fig. 02) (Gomes, 1996). Todavia o sistema “Sandino” acabou por ser insustentável no contexto guineense que não possuía indústrias de materiais de construção pesada e mão-de-obra especializada para suportar este sistema de construção (Vita & Silva, 2023, apud Gomes).

Contemporaneamente à introdução do sistema “Sandino”, realizaram-se projectos-piloto em Bissau baseados em experiências de construção previamente testadas em Cuba, nomeadamente pelas “microbrigadas”. Criadas no começo da década 1970, a ideia de “microbrigadas” foi apresentada pelo próprio Fidel Castro para solucionar o problema de falta de habitação, resolvendo ao mesmo tempo o *surplus* de trabalhadores nas

⁷ Entre 1979 e 1982, diversos quadros nacionais do MOPCU foram enviados para o Mali e Senegal a adquirir competências em projectos com terra estabilizada e materiais locais. (Gomes: 1996)

⁸ O Instituto de Arquitectura e Urbanismo da Sérvia - IAUS (The Institute of Architecture and Urban Studies) foi fundado em 1957 com o objectivo de estabelecer um centro de investigação com financiamento independente dentro da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Belgrado. Todavia, existiam trocas de pessoal e conhecimento entre as duas instituições. Muitos dos professores que trabalhavam na Faculdade iam colaborar com o IAUS, e diversos directores do IAUS ingressavam nos quadros da Faculdade. O Instituto continua a manter uma vertente de investigação fortemente aliada a algumas intervenções práticas não apenas no domínio da arquitectura e do planeamento, mas também da educação e divulgação científica. AA.VV. (2019). *Jubilej 65 godina Instituta za arhitekturu i urbanizam Srbije 1954–2019* [Jubileu dos 65 anos do Instituto de Arquitectura e Urbanismo da Sérvia 1954–2019]. Belgrado: IAUS.

⁹ Seis casas-tipo no Bairro Militar e blocos de apartamentos (36) no Bairro d’Ajuda em Bissau (Gomes, 1996).

fábricas. As “microbrigadas” constavam de grupos de trabalhadoras e trabalhadores da mesma unidade produtiva (vulgo fábrica) escolhidos por terem competências na área da construção civil, especialmente na habitação (Mathéy, 1989). A experiência das “microbrigadas” cubanas torna-se relevante para o contexto em análise, porque constou da agenda política internacional na qual Cuba actuou com os países do Sul Global a partir da Guerra Fria.



*Fig. 03. Estaleiro de obra das casas do Bairro-piloto de trabalhadores em Brá, Bissau (1978).
Fonte: Coleção privada de Milanka Lima Gomes*



Fig. 04. Produção de blocos de terra estabilizada “nô cumpu”, Bairro-piloto de trabalhadores em Brá, Bissau (1978). Fonte: Coleção privada de Milanka Lima Gomes

Na Guiné-Bissau, um dos primeiros projectos de habitação social pós-independência (1978) foi inspirado neste sistema de trabalho aliado à “tecnologia crioula” (Edgerton, 2007) dos blocos de terra estabilizada “nô cumpu” (Fig. 04) (Gomes, 1996a). O projecto-piloto do Bairro Brá, que foi aplicado em mais cinco bairros, constava da construção de casas económicas por parte de trabalhadores do MOPCU com competências na área da construção civil, inspirando-se no sistema cubano das “microbrigadas puras”. Em Cuba, este tipo de “microbrigadas” confiava no trabalho voluntário dos “microbrigadistas” fora das próprias horas de trabalho remunerado. Em Bissau, os trabalhadores do Bairro-piloto Brá também trabalhavam sob regime voluntário (não-remunerado) aos fins-de-semana ou em horário livre para edificar o núcleo principal das suas casas pensadas com um plano evolutivo (Fig. 03). Como aconteceu com a tecnologia “Sandino” importada de Cuba, a construção de habitação social baseada num sistema alheio ao contexto guineense resultou impraticável, “com o tempo mostrou-se que a autoconstrução colectiva não funcionava devido ao diferente engajamento de cada pessoa. Para acabarmos as obras fomos obrigados a distribuir as casas e assim, cada beneficiário, com amigos e familiares, terminaram as suas respectivas casas” (Gomes, 1996).



Fig. 05. Edifícios de apartamentos dos quadros nacionais, projecto do arquitecto sérvio Nikola Arsenić com financiamento da cooperação sueca, Bissau (1979). Fonte: Coleção privada de Milanka Lima Gomes.

A cooperação sueca, da mesma forma que a cooperação cubana e jugoslava, enviou para a Guiné-Bissau técnicos e tecnologias ligados ao sector da arquitectura e da construção, financiando obras de arquitectura, obras de carácter científico e a implementação de novas tecnologias. Uma das mais significativas obras de arquitectura financiada pela cooperação Sueca foi o edifício conhecido com o nome “SIDA” (Swedish International Development Cooperation Agency) destinado a quadros nacionais e desenhado pelo arquitecto sérvio Nikola Arsenić em 1979 (Fig. 05)¹⁰. No âmbito das tecnologias construtivas, a cooperação sueca enviou para Bissau uma estufa de secagem de madeira e especialistas para transferir aos trabalhadores locais competências nesta técnica de transformação já que as madeiras tropicais eram ‘inadequadas’ para a construção moderna que se estava a produzir pela forte deformação que apresentavam na sua forma natural (Milheiro, Vita & Silva, 2025). Juntamente com a transferência de tecnologias, a mobilização da prática da arquitectura suportada pela cooperação internacional teve um papel relevante na construção de novo

¹⁰ Nikola Arsenić foi uma figura incontornável da arquitectura pós-independência na Guiné-Bissau, autor de inúmeras obras de encomenda pública, especialmente durante a governação de Luís Cabral. Colega da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Belgrado de Alberto Lima Gomes (futuro ministro do MOPCU), foi o primeiro entre os arquitectos-cooperantes do IAUS a chegar à Guiné-Bissau em dezembro 1974 (Vita & Silva, 2023, apud Gomes).

conhecimento nos países em que atuava. A RDA, por exemplo, financiou a instalação em Bissau (1976-1980) de um Centro de Documentação de Projetos e Infraestruturas equipado com biblioteca e foto-laboratório moderno (hoje destruído). A agência SIDA apoiou o primeiro levantamento pós-independência sobre a arquitectura vernacular na Guiné-Bissau, constituindo ainda hoje uma publicação de referência sobre o assunto (Blazejewicz et al., 1983). O Serviço Holandês de Cooperação (SNV), financiou a publicação do projeto de melhoramento dos bairros urbanos realizada em colaboração com a Faculdade de Arquitectura da Universidade de Delft que aborda os desafios do planeamento urbano e da habitação autoconstruída em Bissau (Acioly, 1993)¹¹.

2. A arquitecta Milanka Lima Gomes, uma trajectória de destaque no cerne dos movimentos de cooperação internacional

Em 1973, a arquitecta Milanka Lima Gomes, natural da antiga Jugoslávia, chegou à Guiné-Bissau (Fig. 06) numa altura em que a guerra pela independência estava prestes a acabar. Quando o Ministério das Obras Públicas, Construções e Urbanismo (MOPCU) se instalou nas antigas instalações militares do Batalhão de Engenharia em Bissau-Brá, existiam somente quatro técnicos e cinco desenhadores ao seu serviço (Vita & Milheiro, 2023, apud Gomes). Os quatro técnicos, que constavam de três arquitectos e um engenheiro, tinham recebido formação na Jugoslávia e na União Soviética (Katsakioris, 2020) ainda durante a guerra pela independência, e eram: Alberto Lima Gomes (Ministro do MOPCU), Milanka Lima Gomes (Directora Geral de Planificação Urbana e Projectos), Carlos Nunes (arquitecto ao serviço do MOPCU) e Mustafa Camará (engenheiro ao serviço do MOPCU).



Fig. 06. Primeira viagem de Milanka Lima Gomes ao território libertado da Guiné-Bissau (1974).
Fonte: Coleção privada de Milanka Lima Gomes.

Num período “muito marcado pelo entusiasmo e optimismo” (Vita & Silva, 2023, apud Gomes) em torno da construção da nova nação – sobretudo durante a governação de Luís Cabral (até 1980) – os desafios revelaram-se substanciais. Por um lado, dada a escassez de quadros especializados e a reduzida experiência da prática, o desenvolvimento do sector da arquitectura e do planeamento urbano teve de recorrer

¹¹ Entre o conjunto de estudos apoiados pela cooperação internacional, menciona-se o número especial sobre Bolama no jornal “Ano de Solidariedade com Bolama” (1980) que comportou um levantamento pormenorizado da ilha e o dossier sobre a “Regionalização das Obras Públicas”, com destaque para o projecto de Buba (1984/1998) (Gomes, 1996).

maioritariamente aos apoios da cooperação internacional, às competências “nómadas” (Verdeil, 2005) dos especialistas vindos do estrangeiro e às empresas nacionais e internacionais que operavam no país. Por outro lado, a capacidade de trabalho dos 3000 trabalhadores que transitaram do antigo órgão colonial, o Batalhão de Engenharia, para o MOPCU precisava de ser aproveitada em obras de urgência, como estradas, a manutenção dos antigos edifícios coloniais e novas construções especialmente no interior:

“Tirando o melhor proveito das instalações técnicas deixadas pelo Exército colonial, recuperando, na medida do possível, muito material já abandonado, lutando com falta de equipamento adequado, o departamento responsável das Obras Públicas e Construções, à medida que tem procurado adquirir a experiência que não tínhamos, enviou já brigadas para todo o País para os trabalhos mais urgentes, criando aqui em Bissau condições para uma racionalização cada dia maior na concepção e na execução das tarefas que lhe estão confiadas.”¹²

Neste contexto caracterizado pela urgência de construir, de empregar mão de obra qualificada (p.e. carpinteiros, pedreiros, maquinistas), e pelos fluxos de técnicos, missões e delegações internacionais que visitavam e prestavam serviços à recém nação soberana, o papel da arquitecta Lima Gomes foi fulcral. Durante o seu mandato, ela foi cerne das relações de forças entre as macro e micro-escala do sector da arquitectura no país. Ela recebia as delegações das agências internacionais, participava nos eventos oficiais ao estrangeiro ao lado do Ministro das Obras Públicas, Construções e Urbanismo e ao mesmo tempo supervisionava os estaleiros de obra, assinava projectos de arquitectura sozinha ou em co-autoria e coordenava as “brigadas” técnicas e de construção formadas por arquitectos, engenheiros, urbanistas, desenhadores, geógrafos, sociólogos, trabalhadores especializados, etc., e ainda pessoal contratado pelo MOPCU, cooperantes de ONG, voluntários, e outros agentes¹³.



Fig. 07. Visto da fachada principal das Instalações do Ministério dos Negócios Estrangeiros (antigo Museu colonial), 1976. Fonte: Colecção privada de Milanka Lima Gomes.

¹² Discurso do presidente Luís Cabral na segunda Sessão Plenária da Assembleia Nacional Popular a 28 de Abril de 1975. In *Nô Pintcha*, 15, 29 de Abril, 1975. <https://nopintcha-chul.letas.ulisboa.pt/>

¹³ Entre as obras de raiz mais relevante de autoria da arquitecta Lima Gomes, destacam-se: o Monumento a Amílcar Cabral em Bafatá, 1973-1976 (co-autoria, Alberto Lima Gomes); a primeira fase da Residência Presidencial na Ilha de Bubaque, 1976; Hotel na Ilha de Maio (70 bungalows), 1984. Entre as obras de reconstrução e reconversão de uso de antigas instalações coloniais salientam-se: a transformação do antigo Museu para Instalações do Ministério dos Negócios Estrangeiros, 1976 (Fig. 07); e a reconversão do antigo quartel-general no Hotel 24 de Setembro (Ampliação, decoração e arranjos exteriores de 24 suites, construção nova), 1979.

Milanka Lima Gomes foi, por exemplo, responsável pela coordenação do 1º Plano Geral Urbanístico de Bissau (1975-1983; 1990-1994), orientando ao longo de duas décadas: quatro missões consultivas, missões permanentes, seminários e actividades formação de quadros nacionais realizados em todo o território guineense, a vinda de pessoal estrangeiro proveniente de três países cooperantes com a Guiné-Bissau (Jugoslávia, Portugal, e RDA) e ainda a participação de pessoal guineense contratado pelo MOPCU¹⁴.

O estudo para o Plano Geral Urbanístico de Bissau começou em 1975 com a vinda da primeira missão consultiva apoiada pela cooperação jugoslava através do já referido IAUS. Os apoios de cooperação estipulados com a Jugoslávia constavam por um lado do envio para a Guiné-Bissau de 2 ou 3 técnicos por ano conforme as necessidades e por outro lado de missões permanentes e consultivas nas áreas da arquitectura, engenharia e infra-estruturas, urbanismo e planeamento do território. A “brigada” técnica que compôs a primeira missão consultiva foi constituída por Dimitrije Perišić (chefe da missão), geógrafo e figura proeminente no panorama da arquitectura e urbanismo da Sérvia, pelo engenheiro-arquitecto Bozidar Milosavljević e pelo engenheiro civil Radovan Redžić, ambos colaboradores no IAUS¹⁵. No terreno, a “brigada” em missão permanente era liderada pela arquitecta Jelisaveta Kosanović (IAUS), responsável por uma equipa de desenhadores especializados (Gomes, 1996). Acções de formação eram da responsabilidade da arquitecta Maria João George juntamente com o arquitecto Mário Barbosa vindos com a cooperação portuguesa. Estas “brigadas” de trabalho dialogavam entre si e muitas vezes os técnicos participavam em diversas “brigadas” ao mesmo tempo, sendo todas coordenadas a nível estratégico e central pela arquitecta Lima Gomes sedeadada no MOPCU (Gomes, 1996a). Em 1976, uma segunda missão consultiva foi organizada para a consolidação do Plano Geral Urbanístico de Bissau; realizada de 29 de Dezembro 1976 a 11 de Fevereiro 1977, participaram Dimitrije Perišić, acompanhado por Miodrag Janić, director do IAUS, e Nenad Spasić, arquitecto colaborador no IAUS. A “brigada” técnica desta segunda missão foi chamada para uma terceira missão consultiva (entre 13 de Janeiro e 11 de Fevereiro de 1983) para o estudo de planeamento urbano e rural das regiões de Oio e Cacheu. Finalmente, a quarta missão consultiva foi realizada no começo da década de 1990 por Dimitrije Perišić e Nenad Spasić, cujo objectivo era dar seguimento à implementação do Plano Director de Bissau e a prestar consultoria no campo administrativo e de gestão relacionados com o planeamento urbano. Nesta altura, a equipa técnica era coordenada pela arquitecta Andjelka Vujanović e constituída por técnicos guineenses: o arquitecto Adolfo Ramos e o arquitecto Agostinho Gomes. Estes pertenciam à primeira geração de especialistas guineenses formados depois da independência.

Durante o seu mandato, a arquitecta Lima Gomes desempenhou um papel activo e de proximidade em diversos projectos que são marcos emblemáticos do “período socialista” (Rehman, 2022). É o caso do Complexo Presidencial da Cimeira (1979), realizado para alojar os representantes dos estados-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). O projecto, de autoria do arquitecto Nikola Arsenić, constava de 5 unidades habitacionais independentes. Para este projecto, a “brigada” técnica contava com o próprio Nikola Arsenić (arquitectura), o engenheiro guineense Armando Napoco (fiscalização), que pertencia à geração de técnicos guineenses que se formaram durante a luta de libertação¹⁶, da arquitecta portuguesa Maria Aura Troçolo (decoração), que foi responsável pelo design de interiores, e da arquitecta Lima Gomes, que coordenou as fases de projecto e da construção. Mais uma vez, a arquitecta Lima Gomes foi o elo entre a equipa técnica e a equipa de construção. A conjugação de saberes e uma eficiente cooperação entre os técnicos e as cinco empresas de construção nacionais, permitiu que o projecto tenha sido completado em apenas sessenta dias com financiamento do estado (Milheiro et al., 2025, apud Gomes).

Não se pode atribuir a designação de cooperante à arquitecta Lima Gomes porque a sua trajectória no panorama da mobilidade transnacional seguiu um percurso autónomo. Ao contrário dos especialistas que

¹⁴ Depois do 1º Plano Geral Urbanístico de Bissau (1975-1983), entre 1990 e 1995, foi elaborado o 2º Plano Geral Urbanístico da Cidade de Bissau (aprovado por decreto-lei), apoiado pelo IAUS com missões consultivas e envio de técnicos.

¹⁵ A primeira missão consultiva realizada para a elaboração do 1º Plano Geral Urbanístico de Bissau ocorreu entre Junho e Julho de 1975. Esta informação foi veiculada por testemunhos orais e bibliográficos transmitidos numa STSM (Short Term Scientific Mission) realizada por Leonor Matos Silva a Belgrado. Nessa missão, foi-lhe dado a conhecer, e amavelmente traduzida na íntegra e gratuitamente, uma publicação monográfica sobre Dimitrije Perišić, nomeadamente o capítulo 4.1 “*Managing Consultative Missions for Spatial and Urban Planning as Assistance to Developing Countries by the SFRY*”, que foi a base do entendimento de algumas das pistas posteriormente encontradas nesta investigação.

¹⁶ Armando Napoco (-2013), engenheiro guineense formado em Niš (Sérvia) ainda durante a luta de libertação, em 1991 foi nomeado Ministro das Obras Públicas, Construções e Urbanismo.



Fig. 08. Milanka numa condecoração com Madalena de Amílcar Cabral, em 05 de Março de 1992.
Fonte: Coleção privada de Milanka Lima Gomes.

prestaram serviço ao abrigo das agendas políticas de ajudas internacionais e do desenvolvimento do “Terceiro Mundo” e que na maioria dos casos realizavam missões consultivas e trabalhos de campo de curta duração nos contextos onde foram contratados, Lima Gomes assumiu um cargo permanente e de chefia durante dezassete anos (1974-1991). Quando terminou o seu último mandato em 1991, decidiu abrir o próprio gabinete de arquitectura (GAUBI-Bissau) continuando a colaborar com o IAUS como parceiro. Nos primeiros anos da década de 1990, Lima Gomes apresentava-se como representante da classe e com a mesma postura política, embora face a um país que paulatinamente veio a perder o fulgor independentista (Fig. 08). Recentemente, Milanka Lima Gomes deixou a Guiné-Bissau, que continua a considerar a sua própria casa.

Notas conclusivas

A produção arquitectónica no pós-independência na Guiné-Bissau foi caracterizada por um xadrez de agentes que, ao abrigo da cooperação internacional, das alianças políticas e ideológicas e dos interesses pessoais, mobilizaram saberes e tecnologias ao serviço da reconstrução da Guiné-Bissau. Essa cooperação traduziu-se numa transferência duradoura de saberes técnicos ao longo de pelo menos vinte anos (sem considerar o período da luta de libertação), todavia com resultados nem sempre satisfatórios. O testemunho directo de uma arquitecta envolvida neste processo permitiu compreender a macro e microescala destas intervenções a partir de dentro, pela intersecção entre agendas institucionais e experiências individuais. Através da análise de alguns projectos mais significativos e mais bem documentados pelas fontes recolhidas até agora, foi possível ressaltar a relevância que as “brigadas” técnicas e de construção tiveram na organização de grupos de trabalho multidisciplinares que actuavam localmente dando resposta à urgência do momento.

Ao combinar fontes primárias e secundárias, bem como uma abordagem que articula escalas política, técnica e pessoal, este artigo oferece assim uma leitura integrada. Todavia, mostra-se evidente que se trata de um tema ainda insuficientemente explorado quer pela escassez de fontes organizadas, quer pelo reduzido número de estudos dedicados à cooperação técnica em contextos africanos lusófonos. A dispersão dos testemunhos, a opacidade de certos arquivos e o carácter informal de muitas das práticas dificultam uma reconstrução rigorosa e sistematizada deste processo.

Futuros trabalhos poderão aprofundar a cronologia das brigadas técnicas e de construção, bem como explorar outras experiências individuais que permanecem invisibilizadas, nomeadamente grupos femininos ou

feministas. Uma comparação entre diferentes países africanos lusófonos e não só poderá também ajudar a consolidar um campo de estudos ainda em prospecção.

Concluindo, este estudo pretende contribuir para um debate mais alargado sobre as formas de solidariedade internacional no pós-independência guineense e sobre os modos como estas práticas moldaram trajetórias pessoais e saberes técnicos. Reconhecendo as limitações impostas pela escassez e dispersão das fontes, sublinha-se a importância de investigações futuras que colaborem no levantamento e organização de acervos documentais e orais. Só assim será possível garantir uma memória mais justa e completa destas experiências complexas e ainda largamente desconhecidas.

REFERÊNCIAS CITADAS

- Acioly, C. (1993). *Planejamento urbano, habitação e autoconstrução: experiências com urbanização de bairros na Guiné-Bissau*. Delft: TUDelft, Faculdade de Arquitectura.
- Avermaete, T., & Casciato, M. (2014). *Casablanca Chandigarth: A 12odernism modernization*. Park Books / Canadian Centre for Architecture (CCA).
- Barros, L. (2023). *Bissau: Para Além da Dicotomia – Urbanismo e Arquitetura*. [Tese de mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da UP. <https://hdl.handle.net/10216/168098>
- Blazejewicz, D., Lund, R., Schonning, K., & Steincke, S. (1983). *Arquitetura tradicional Guiné-Bissau*. Swedish International Development Cooperation Agency (SIDA).
- Borges, S. (2019). *Militant education, liberation struggle, consciousness: The PAIGC education in Guinea-Bissau 1963–1978* (Vol. 4). *Studia Educationis Historica*.
- Edgerton, D. (2007). “Creole technologies and global histories: rethinking how things travel in space and time”, *History of Science and Technology Journal*, 1, pp. 75-112.
- Gleijeses, P. (2002). *Conflicting Missions: Havana, Washington, and Africa, 1959-1976*. University of North Carolina Press. https://www.jstor.org/stable/10.5149/9780807861622_gleijeses.
- Gomes, M. L. (1996). *Reconstrução nacional e balanço das principais acções realizadas entre 1974 e 1996 na Guiné-Bissau. Considerações Gerais*. (Comunicação apresentada) Conferência do Conselho Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa, Bissau.
- Gomes, M. L. (1996a). *Ficha técnica dos documentos apresentados na Conferência do CIALP – Bissau, 1996 (Anexo I)*. (Comunicação apresentada) Conferência do Conselho Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa, Bissau.
- Gubić, I., Antešević, N. & Michieletto, M. (2025). Serbian Architecture exports to countries in Africa from 1960 to 1990: understanding tropical architecture. In *Facta universitatis – series: Architecture and Civil Engineering 2025 Volume 23, Issue 1*, pp. 85-100. <https://doi.org/10.2298/FUACE241018008G>
- Herz, M., Schröder, I., Focketyn, H. & Jamroziknuel, J. (2022). *African Modernism. The Architecture of Independence. Ghana, Senegal, Côte d'Ivoire, Kenya, Zambia*. Zúrique: Park Books.
- Jovanović, J. (2021). Prefabricating non-alignment: The IMS Žeželj system across the decolonized world. In Mascarenhas, M. & Pires, P. (Eds.). *History of Construction Cultures Volume 1*, pp. 311-318 (Taylor Francis).
- Katsakioris, C. (2020). Students from Portuguese Africa in the Soviet Union, 1960–74: Anti-colonialism, Education, and the Socialist Alliance. In *Journal of Contemporary History*, 56(1), pp. 142-165. <https://doi.org/10.1177/0022009419893739>.
- Lagae, J. & De Raedt, K. (Eds.) (2013). Global experts “off radar”. In *ABE Journal*, (4). <https://doi.org/10.4000/abe.485>
- Lazic, M. (2021). Arsenal of the Global South: Yugoslavia’s Military Aid to Nonaligned Countries and Liberation Movements. *Nationalities Papers*, 49(3), 428–445. doi:10.1017/nps.2020.6
- Loosen, S., Sigge, E. & Mattsson, H. (2023). Architecture in the Foreign Aid-funded Knowledge Economy. 1-Expertise. In *ABE Journal*, (21). <https://journals.openedition.org/abe/13954>.
- Mathéy, K. (1989). Microbrigadas in Cuba: A collective form of self-help housing. *The Netherlands Journal of Housing and Environmental Research*, 4(1), 67–83.
- Mendes, F. M. (2021). *A intervenção em espaço urbano na cidade de Bissau Guiné-Bissau. O projecto urbano numa nova renovação territorial*. [Tese de mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da UP. <https://hdl.handle.net/10216/132651>
- Meuser, P. & Dalbai, A. (2021). *Architectural Guide. Sub-Saharan Africa*. Berlim: Dom publishers.

- Milheiro, A. V., Vita, F. e Silva, L. M. (2025, 13 de Maio). Entrevista a Milanka Lima Gomes. Lisboa.
- Ndlovu-Gatsheni, S. J., & Cupers, K. (2023). Architectural expertise and the coloniality of knowledge. In *ABE Journal*, (21).
- Rehman, L. (2023). Seemingly built, suddenly ruined: Decolonisation and dis:connectivity in post-colonial Guinea-Bissau 1973–1983. *Static: Thoughts and Research from Global dis:connect*, 1(2). LMU München Käte Hamburg Kolleg global.
- Rodrigues, I. L. (2024). *Transposing the discourse of industrialised construction in housing between Lisbon and Luanda during the 1970s*. [Communication presented] 18th International DOCOMOMO Conference “Modern futures: sustainable development and cultural diversity”, Santiago, Chile.
- Sellström, T. (1999). *Sweden and National Liberation in Southern Africa. Volume I: Formation of a Popular Opinion (1950–1970)*. Uppsala: Nordiska Afrikainstitutet.
- Silva, L. M. (2023, 11 de Setembro). Entrevista a Svetlana Borovnica. Belgrado.
- Stanek, L. (2020). *Architecture in Global Socialism: Eastern Europe, West Africa, and the Middle East in the Cold War*. Princeton, Oxford: Princeton University Press.
- Verdeil, E. (ed.) (2005). “Expertises nomades” (número especial). In *Géocarrefour*, 80(3). <https://geocarrefour.revues.org/596>
- Vita, F., & Milheiro, A. V. (2023, 24 de Maio). Entrevista a Milanka Lima Gomes. Lisboa.
- Vita, F., & Silva, L. M. (2023, 6 de Setembro). Entrevista a Milanka Lima Gomes. Lisboa.
- Vita, F. (2025). The journey of the architect Milanka Lima Gomes from Yugoslavia to Guinea-Bissau (1974–1998). Dainese, Elisa (Ed.) (Forthcoming).

Agradecimentos

Muito obrigada a todos os que tornaram este trabalho possível, em especial à arquitecta Milanka Lima Gomes por todo o material e testemunho gentilmente cedidos, ao Arquitecto Domingos Fernandes que nos acompanhou nas visitas em Bissau a alguns dos projectos mencionados, e à Dr.^a Svetlana Borovnica que nos recebeu em Belgrado para uma entrevista.

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio do projecto ARCHWAR, *Controle e violência através da habitação e da arquitectura, durante as guerras coloniais. O caso português (Guiné-Bissau, Angola e Moçambique): documentação colonial e análise crítica pós-independência* [PTDC/ART-DAQ/0592/2020]

Este trabalho insere-se no projecto ARCHLABOUR.

O projeto ARCHALBOUR é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) através de uma Advanced Grant no âmbito do programa de investigação e inovação Horizonte Europa da União Europeia [acordo de subvenção n.º 101096606]. As opiniões e pontos de vista expressos são, contudo, da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es) e não reflectem necessariamente os da União Europeia ou do Conselho Europeu de Investigação. Nem a União Europeia nem a autoridade concedente podem ser responsabilizadas pelos mesmos.

ARCHALBOUR project is funded by the European Research Council (ERC) through an Advanced Grant under the European Union’s Horizon Europe research and innovation programme [grant agreement 101096606]. Views and opinions expressed are however those of the author(s) only and do not necessarily reflect those of the European Union or the European Research Council. Neither the European Union nor the granting authority can be held responsible for them.